

O Empreendedorismo Corporativo na Atividade de Estágio Interno não Obrigatório da Universidade Federal Fluminense



ISSN 2358-7180

*Corporate Entrepreneurship in Internal Stage
Activity Not Required by the Federal Fluminense
University*

Claudio Luiz de Oliveira Costa¹, Diego de Oliveira da Cunha², João Sotero do Vale Júnior³,
Ely Severiano Junior⁴, Gabriel Alexandre de Oliveira Costa⁵, Maria Gabriela da Silva⁶

RESUMO

O objetivo geral deste artigo é debater conceitualmente se o Programa de Estágio Interno (PEI) 2018 da Universidade Federal Fluminense (UFF) pode ser considerado como um programa empreendedor corporativo. Além disso, como objetivos específicos, buscou-se conhecer os cursos que têm nas suas matrizes curriculares disciplina ligada ao empreendedorismo, identificar as características empreendedoras presentes na literatura e verificar se essas características empreendedoras estavam presentes nos Campos de Estágio. Foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica, exploratória, explicativa e documental. O resultado aponta que a maioria dos cursos tem disciplina empreendedora na sua matriz, que existem dezesseis características empreendedoras descritas pela literatura e que somente nove cursos desenvolveram em seus planos de trabalho oito ou mais características empreendedoras. A conclusão a que se chega é que o PEI 2018 da UFF não é caracterizado como um programa empreendedor corporativo devido não haver correlação com as características empreendedoras encontradas nos planos de atividades.

Palavras-chave: Intraempreendedorismo. Prática de Estágio. Programa de Estágio Interno.

ABSTRACT

The general objective of this article is to conceptually debate whether the Internal Internship Program (PEI) 2018 at the Fluminense Federal University (UFF) can be considered as a corporate entrepreneurial program. In addition, as specific objectives, we sought to know the courses that have in their curriculum disciplines related to entrepreneurship, identify the entrepreneurial characteristics present in the literature and verify if these entrepreneurial characteristics were present in the Internship Fields. Bibliographic, exploratory, explanatory and documentary research was used as a methodology. The result shows that most courses have an entrepreneurial discipline in their matrix, that there are sixteen entrepreneurial characteristics described in the literature and that only nine courses developed eight or more entrepreneurial characteristics in their work plans. The conclusion reached is that UFF's PEI 2018 is not characterized as a corporate entrepreneurial program because there is no correlation with the entrepreneurial characteristics found in the activity plans.

Keywords: Intrapreneurship. Internship Practice. Internal Internship Program.

¹. Mestre em Administração. Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: claudioluizoc@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7779-6412>.

² Doutorando em Engenharia de Produção. Cefet-RJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: adm.diegoolivei@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0738-046X>.

³ Mestre em Administração. Universidade Salvador (UNIFACS), Salvador, BA, Brasil. E-mail: joao.sotero.js@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2928-8565>

⁴ Mestre em Administração. Universidade do Grande Rio (Unigranrio), Duque de Caxias, RJ, Brasil. E-mail: elyseveriano@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5930-8251>

⁵ Graduado em Ciências Contábeis. Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: gabrielao1991@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5543-9158>.

⁶ Graduada em História. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: mariagabrieladasilva@icloud.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6789-637X>.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual necessita de um número cada vez maior de pessoas empreendedoras, autônomas, que possuam múltiplas competências e que aprendam a aprender cumulativamente. Dessa forma, a organização dos mercados é de um dinamismo mutativo tal que exige das pessoas aprendizado, trabalho coletivo sincronizado e adaptação a novas e diferentes situações para vencer desafios e transformar a realidade em que estão inseridas.

Portanto, uma das formas de materializar essa visão é na educação empreendedora. E isso concedeu a ela papel proeminente na estratégia empresarial das maiores organizações mundiais. Assim, aprender sobre empreendedorismo se tornou demanda inerente tanto para fornecedores de produtos quanto para prestadores de serviços e trabalhadores, o que elevou contínua e progressivamente a importância do empreendedorismo corporativo. Consequentemente, muitas organizações buscam desenvolver e requerer que seus colaboradores desenvolvam, preservem e expandam continuamente uma cultura empreendedora.

Dessa maneira, nota-se que o empreendedorismo vem crescendo no universo educacional. O empreendedorismo encontra respaldo na Lei 13.005/14, que aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014/2024, que definiu os direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio: compreender a capacidade e valores do ensino de empreendedorismo nas séries iniciais, incentivando não apenas o empreendedorismo, mas também a criatividade, a inovação e a liderança.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), o ensino superior traz o empreendedorismo com eixo do ensino médio até o ensino superior. Desse modo, este artigo busca responder a seguinte pergunta: o Programa de Estágio Interno (PEI) 2018, da Universidade Federal Fluminense (UFF), pode ser considerado como um programa empreendedor corporativo? Como premissa, considera-se que para o programa ser empreendedor corporativo, a totalidade de características empreendedoras dos cursos deve corresponder a no mínimo 50% das características empreendedoras no somatório total, segundo o indicador características empreendedoras desenvolvidas na prática de estágio/características empreendedoras totais.

Definiu-se como objetivo geral analisar as informações disponíveis sobre o PEI, da UFF, no período de 2018. Em decorrência disso, revisou-se a literatura sobre o assunto para identificar os seguintes objetivos específicos, a saber: quais dos cursos possuem nas suas

matrizes curriculares disciplina ligada ao empreendedorismo e as competências empreendedoras corporativas encontradas na literatura estudada; verificar se tais competências estão presentes nos planos de trabalho dos cursos do PEI 2018 e, por fim, analisar se há correlação entre a quantidade de vagas distribuídas para cada curso e a quantidade de características empreendedoras corporativas recebida por eles. A questão da correlação é importante para dizer se, à medida que cresce a quantidade de vagas recebidas por cada curso, cresce ou não cresce o número de características empreendedoras corporativas desenvolvidas por eles. Para esta análise foi utilizado o *R Project for Statistical Computing*.

Quanto às limitações deste estudo, ele se limitou ao empreendedorismo corporativo e a sua aplicabilidade na prática do estágio curricular do PEI 2018, da UFF. Por isso, somente foram alvos desta pesquisa os cursos que fizeram parte deste programa, excluindo-se outros cursos de graduação da UFF.

Sendo assim, este artigo fará, na primeira parte, um estudo sucinto da educação empreendedora, do empreendedorismo, do empreendedorismo corporativo, do seu processo empreendedor, das características empreendedoras corporativas e do estágio. E, em seguida, na segunda parte, será realizada a análise dos resultados do estudo, culminando com a sua conclusão.

2 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

A educação empreendedora surgiu como resposta à necessidade de formar indivíduos com competências empreendedoras. Por isso, muitas instituições de ensino e, notadamente as de nível superior, inseriram na grade curricular dos seus cursos o empreendedorismo ou disciplina que trata deste assunto. Dolabela (2003, p. 130-131) explica a melhor tarefa da educação empreendedora: “dar sinalização positiva para a capacidade individual e coletiva de gerar valores para toda a comunidade, a capacidade de inovar, de ser autônomo, de buscar a sustentabilidade, de ser protagonista”. Esse pensamento coaduna com as práticas organizacionais ligadas ao empreendedorismo quando afirma que a sociedade é fortalecida pela educação empreendedora e pode, por meio dela, gerar valor para toda a coletividade. Por conta disso, a organização acaba inovando e, conseqüentemente, tendo práticas mais eficientes e eficazes, o que contribui para o seu próprio sucesso.

2.1 Empreendedorismo

Na atualidade se vive a era do empreendedorismo (BYGRAVE, 1994). Apesar dessa percepção, a definição de empreendedorismo não encontra consenso entre pesquisadores por existirem duas áreas distintas que o tratam de forma diferente. A primeira área entende o empreendedorismo como o estudo dos negócios e a segunda área como uma atividade em que pessoas se envolvem (DORNELAS, 2005).

Portanto, para tentar sanar essa dúvida inicial, Baron e Shane (2007) e Nascimento *et al.* (2020) sugerem que o empreendedorismo, como área de negócio, busca entender como surgem as oportunidades para criar algo, ou seja, novos produtos ou serviços, novos mercados, novos processos de produção ou matérias primas e novas formas de organizar as tecnologias existentes. Esse pensamento foi defendido também por Dornelas (2009, p. 35) quando disse que “empreendedorismo significa fazer algo novo, diferente, mudar a situação atual e buscar, de forma incessante, novas oportunidades de negócio, tendo como foco a inovação e a criação de valor”. Além disso, Dornelas (2005, p. 39) dá outro sentido ao empreendedorismo quando explica que ele “é o envolvimento de pessoas e processo que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades”. Dessa maneira, por conta da efetivação de oportunidades, acabam surgindo novos negócios e muitos deles bem-sucedidos.

Ademais, nota-se que o empreendedorismo procura em seu bojo o entendimento da forma como surgem as oportunidades, buscando entender como as ideias acabam gerando novas perspectivas de negócio. Nesse processo, o papel do empreendedor, sem sombra de dúvida, é muito importante porque é por meio dele que as ideias são criadas e podem se transformar em realidade (BEZERRA *et al.*, 2020).

Outra definição importante de um dos pioneiros no estudo do empreendedorismo, Joseph Schumpeter (1949, p. 3), diz que empreendedor é “aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais”. Como consequência disso, o desenvolvimento econômico surge justamente de novas combinações de matérias primas e de materiais mais as forças que contribuem para a produção de novos produtos e/ou serviços (DORNELAS, 2005). Por outro lado, para Mariano e Mayer (2011, p. 18), o termo empreendedor é “multifacetado e dinâmico”, ou seja, está em completa mutação com o passar do tempo, acompanhando as transformações sociais e tecnológicas.

Além disso, a respeito da evolução do termo empreendedor, Zen e Fracasso (2008) fazem uma ligação desta evolução com as mudanças que ocorreram na sociedade em três ocasiões históricas distintas, a saber: a revolução industrial da Inglaterra, em 1770; a implantação do modelo de produção fordista, nos anos 1900, nos Estados Unidos da América (EUA) e; por fim, a emergência das tecnologias da informação, a partir dos anos 1990, e seu impacto nas organizações. Dornelas (2009, p. 7) concorda com este pensamento quando afirma que “o empreendedorismo tem se mostrado como um grande aliado do desenvolvimento econômico, pois tem dado suporte à maioria das inovações que têm promovido esse desenvolvimento”.

Por outro lado, observa-se que muitas nações, principalmente as do norte do mundo, como os EUA e a Inglaterra, têm dado atenção às iniciativas empreendedoras por reconhecerem que o crescimento econômico, evidenciado em geração de renda e de emprego, depende, em certa medida, dessas iniciativas. É por isso que nos EUA há estudos como os desenvolvidos pelo grupo *Global Entrepreneurship Monitor* e, na Inglaterra, pelo *London Business School*, que procuram mapear todas as atividades empreendedoras desenvolvidas nos seus países, procurando, dessa forma, entender qual é o relacionamento entre empreendedorismo e desenvolvimento econômico e qual a relação entre a geração de riquezas de seus países e essas atividades empreendedoras (DORNELAS, 2009).

Sendo assim, tais países evidenciaram que existe essa relação, o que não pode ser verificada em países do sul do planeta, pois eles não possuem esses tipos de grupos de estudo e, por isso, não têm como fazer qualquer diagnóstico de correlação entre empreendedorismo e desenvolvimento econômico.

2.2 O empreendedorismo corporativo

O empreendedorismo corporativo tem sido objeto de estudo e de interesse de pesquisadores da administração e de executivos de muitas organizações que tomaram para si a obrigação de inovarem continuamente. Por isso, é entendido que empreendedorismo corporativo, empreendedorismo interno ou Intraempreendedorismo possui a ação inovadora e empreendedora e que ela ocorre no interior de organizações já estabelecidas. Contudo, esse empreendedorismo não pode ser entendido como empreendedorismo de startup, isto é, empreendedorismo que visa à criação de empresas, mas como um empreendedorismo que está pautado em buscar diferenciais para a organização (DORNELAS, 2009). Desse modo, este autor propõe essa diferenciação no quadro 1.

Quadro 1 – Diferença entre empreendedorismo de *startup* e intraempreendedorismo

De Startup	Corporativo
Criação de riqueza	Construir/melhorar a imagem da marca
Busca investimento junto a capitalistas de risco, <i>angels</i> (investidores pessoa física) etc.	Busca recursos internos ou realoca os existentes
Cria estratégias e culturas organizacionais	Deve trabalhar dentro de uma cultura existente e a oportunidade deve estar coerente com sua estratégia
Sem regras	Regras claras
Horizonte de curto prazo	Horizonte de médio/longo prazos
Passos rápidos (caos controlado)	Burocracia

Fonte: Adaptado pelos autores de Dornelas (2009, p. 52).

Destacadas as diferenças entre os empreendedorismos de *startup* e corporativo, retomase à definição de empreendedorismo corporativo como sendo, segundo Dornelas (2009, p. 38), “a identificação, desenvolvimento, captura e implementação de novas oportunidades de negócios, que: requerem mudanças na forma como os recursos são empregados na empresa; conduzem para a criação de novas competências empresariais”.

Desse modo, essas novas oportunidades de negócios só podem ocorrer por meio de indivíduos comprometidos com os objetivos organizacionais. Além disso, é necessário que os indivíduos busquem constantemente renovação e inovação nas organizações em que estão inseridos. Portanto, dentro deste universo organizacional existem duas variações de empreendedorismo corporativo: o *corporate venturing*⁷ e o *intrapreneurship*⁸, conforme o quadro 2.

Quadro 2 – Diferença entre *corporate venturing* e *intrapreneurship*

Corporate venturing	Intrapreneurship
Criação de novo negócio dentro da organização	É o empreendedorismo aplicado dentro da organização
Crescimento de <i>spin-off</i> (subproduto)	Criação de uma cultura e clima inovadores
Influência dos <i>core competences</i> (competências)	Gerentes agindo como se fossem proprietários
Aprendizado	Rearranjo da cadeia de valores do negócio
Associação com indivíduos empreendedores dentro da organização	Realocação dos recursos atuais e competências em novas e diferentes maneiras
Prática da inovação	

Fonte: Adaptado pelos autores de Dornelas (2009, p. 40).

Tanto uma como outra modalidade de empreendedorismo pode ser trabalhada pela organização. Sendo assim, entende-se, sucintamente, que o empreendedorismo corporativo é o somatório da inovação praticada pela organização mais a sua renovação somada aos esforços que são empreendidos para a criação de novos negócios.

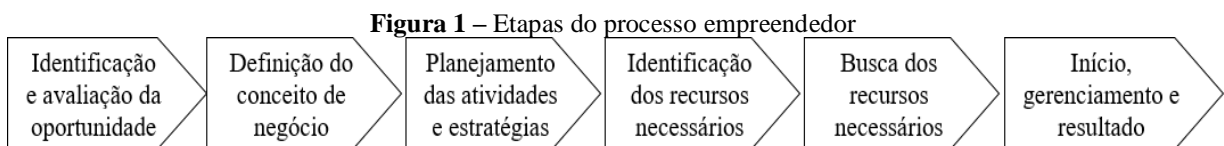
⁷ É o crescente movimento de grandes empresas em busca de inovação disruptiva de maneira mais rápida e mais barata.

⁸ Refere-se ao comportamento empreendedor dos funcionários em empresas privadas e instituições públicas.

2.2.1 O processo empreendedor

É um processo que tem a participação de três fatores fundamentais: a oportunidade (identificação, avaliação e captura/exploração), os recursos disponíveis pela organização que serão alocados na exploração da oportunidade identificada e os recursos humanos, isto é, a equipe de empreendedores corporativos que colocará tudo isso em prática (DORNELAS, 2009). Dessa forma, cabe ao empreendedor corporativo o papel de coordenar esses fatores para que sejam desenvolvidas competências, habilidades e atitudes necessárias a uma organização empreendedora.

Portanto, existe uma sequência lógica de execução das etapas desse processo que se deve seguir para empreender. Segundo Dornelas (2009, p. 44), as essas etapas do processo empreendedor podem ser visualizadas na figura 1.



Fonte: Adaptada pelos autores de Dornelas (2009, p. 44).

Dessa maneira, possuir os três fatores envolvidos no processo empreendedor representa apenas uma das condições para empreender, pois o processo deve ser contínuo, mas o que definirá os caminhos rumo ao empreendedorismo é forma ou implementação desses fatores para instituir, sustentar e retroalimentar o processo empreendedor. Assim, são imprescindíveis a esse processo as características empreendedoras corporativas.

2.2.2 Características do empreendedor corporativo

Raramente se encontra uma organização que possua cem por cento de todas as características requeridas dos empreendedores corporativos. Isso porque é possível que existam empreendedores corporativos ainda que a organização não tenha como premissa ser uma organização empreendedora corporativa. Entretanto, em uma organização empreendedora corporativa necessariamente há empreendedores corporativos.

De acordo com Dornellas (2005), as características empreendedoras corporativas, podem ser representadas conforme o quadro 3. Geralmente, muitas dessas dezesseis características, em diferentes graus de intensidade, são encontradas em todos os

empreendedores corporativos de sucesso, ainda que não possuam todas e as que possuem não estejam na máxima intensidade.

Quadro 3 – Características requeridas dos empreendedores corporativos

São visionários	São determinados e dinâmicos	Ficam ricos	Planejam, planejam e planejam
Sabem tomar decisões	São dedicados	São líderes e formadores de equipe	Possuem conhecimento
São indivíduos que fazem a diferença	São otimistas e apaixonados pelo que fazem	São bem relacionados	Assumem riscos calculados
Sabem explorar ao máximo as oportunidades	São independentes e constroem o próprio destino	São organizados	Criam valor para a sociedade

Fonte: Adaptado pelos autores de Dornellas (2005).

Diante do exposto, pode-se deduzir que o sucesso das atividades empreendedoras corporativas é inerente às características do empreendedor corporativo e, conseqüentemente, do processo empreendedor. Portanto, devem ser requeridas de seus colaboradores e estimuladas pela organização em treinamentos e capacitações para que desenvolvam competências e facilite a aptidão às habilidades e atitudes.

3 O PROGRAMA DE ESTÁGIO INTERNO DA UFF

O estágio faz parte da formação profissional do discente e está previsto no projeto pedagógico de cada curso de graduação. Embora existam cursos que não o possuem explicitamente em sua matriz curricular ou que tenham qualquer disciplina associada a essa prática, há outros que possuem além de disciplina(s), carga horária a ser cumprida pelos educandos.

Segundo a Lei 11.788, art. 1º, o estágio é o “ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior”. Essa prática pedagógica do estágio procura preparar o acadêmico de graduação para o mercado de trabalho e para a vida de cidadão, oferecendo-lhe aprendizado de competências que o ajudará na vida e no trabalho. Dessa forma, observa-se que muitas dessas competências têm um viés empreendedor porque são aplicadas dentro da organização.

No Programa Anual de Estágio Interno Não Obrigatório (PEI), da Divisão de Estágios, da Universidade Federal Fluminense (UFF), busca-se, como objetivo geral, aliar as atividades técnicas, científicas e administrativas do estágio com a área de formação profissional do estudante, procurando atender a todas as obrigаторiedades do currículo e plano pedagógico.

Além disso, como objetivos secundários, descritos na sua página <http://www.estagio.uff.br/>, o PEI 2018 busca complementar e formar profissionalmente os alunos regularmente matriculados nos seus cursos de graduação; estimular a participação de estudantes nas atividades técnicas, científicas e administrativas da UFF e contribuir para o aumento do número de campos de estágios disponíveis aos estudantes.

Inicialmente o PEI 2018, na sua primeira fase, buscou a seleção dos campos de estágio e a distribuição de vagas entre eles. Dessa maneira, é possível notar, resumidamente, como se deu esse processo de aprovação dos campos de distribuição de vagas, conforme a tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição de vagas de estágio do PEI da UFF por localidade em 2018

Item	Niterói	Campos	Volta Redonda	Nova Friburgo	Rio das Ostras	Santo Antônio de Pádua	Total
Campos de Estágios Aprovados	92	2	10	6	10	1	121
Estagiários Solicitados (Ideal)	569	57	106	28	39	12	811
Estagiários solicitados (Mínimo)	352	33	62	15	21	7	490
Vagas Disponíveis e Distribuídas	221	2	10	6	10	1	250
Saldo de Vagas Ideal	348	55	96	22	29	11	-561
Saldo de Vagas Mínimo	131	31	52	9	11	6	-240

Fonte: Elaborado pelos próprios autores (2018).

As vagas disponíveis para cada curso são as variáveis quantitativas deste estudo, juntamente com as variáveis características empreendedoras corporativas que estão identificadas na metodologia a seguir.

4 METODOLOGIA

Utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica com consulta principalmente a livros para compor a revisão de literatura. A respeito da abordagem, trata-se que uma pesquisa

quali-quantis em que foram analisadas variáveis qualitativas (características empreendedoras) e variáveis quantitativas como número de vagas, quantidade de características empreendedoras presentes nos cursos. Além disso, definiu-se como universo deste estudo os 124 cursos de graduação da UFF. Assim, o critério de inclusão dos cursos selecionados para o estudo se deu pela oferta da disciplina empreendedorismo em sua matriz curricular, ficando incluídos 54 cursos, conforme o quadro 5.

Utilizamos as 16 características empreendedoras como instrumento determinante para identificar o nível de empreendedorismo dos estagiários versus as quantidades de estagiários por curso, conforme visto no quadro 3.

O quadro 4 representa as características empreendedoras apontadas por Dornelas (2005).

Quadro 4 – Características empreendedoras (variável qualitativa)

1	Visionários	9	Ficam ricos
2	Saber tomar decisões	10	São líderes e formadores de equipe
3	São indivíduos que fazem a diferença	11	São bem relacionados
4	Sabem explorar ao máximo as oportunidades	12	São organizados
5	São determinados e dinâmicos	13	Planejam, planejam e planejam
6	São dedicados	14	Possuem conhecimento
7	São otimistas e apaixonados pelo que fazem	15	Assumem riscos calculados
8	São independentes e constroem o próprio destino	16	Criam valor para a sociedade

Fonte: Adaptado pelos autores de Dornelas (2005).

A tabela 2 apresenta os cursos que participaram do PEI 2018 e a quantidade de vagas disponibilizadas para cada um deles.

Tabela 2 – Cursos e vagas atribuídas a eles

Arquitetura e Urbanismo	1	Antropologia	3	Ciência da Computação	5
Ciências Econômicas	1	Ciência Ambiental	3	Comunicação Social-Publicidade	5
Ciências Sociais	1	Engenharia Civil	3	Pedagogia	5
Desenho Industrial	1	Engenharia de Agronegócios	3	Química (Bacharelado)	5
Engenharia Mecânica	1	Engenharia de Produção	3	Ciências Contábeis	6
Engenharia Química	1	Engenharia de Recursos Hídricos	3	Estudos de Mídia	6
Hotelaria	1	Engenharia Metalúrgica	3	Química Industrial	6
Informática	1	Estatística	3	Administração Pública	7
Química Licenciatura	1	Física	3	Arquivologia	7
Engenharia Elétrica	2	Matemática	3	Farmácia	7
Filosofia	2	Psicologia	3	Cinema e Audiovisual	8
Geofísica	2	Relações Internacionais	3	Segurança Pública	8
História	2	Enfermagem	4	Letras	9
Matemática Computacional	2	Geografia	4	Produção Cultural	9
Processos Gerenciais	2	Medicina	4	Comunicação Social-Jornalismo	10
Química Tecnológica	2	Medicina Veterinária	4	Administração	15
Sistemas de Informação	2	Odontologia	4	Turismo	16

Sociologia	2	Biomedicina	5	Biblioteconomia	28
------------	---	-------------	---	-----------------	----

Fonte: Elaborado pelos próprios autores (2018).

Os dados foram tratados a luz da estatística descritiva (indicador de mensuração percentual de características empreendedoras corporativas desenvolvidas na prática de estágio sobre a totalidade de características empreendedoras corporativas) e da estatística inferencial, com a utilização do *R Project for Statistical Computing*, por meio do *download* disponível em <https://www.r-project.org/>. e posterior instalação no computador do *R Studio*. Neste programa foi realizada a correlação entre o número de vagas distribuídas para cada curso e a quantidade de características empreendedoras corporativas desenvolvidas por eles no PEI 2018.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Depois de uma análise minuciosa de todas as matrizes curriculares dos cursos de graduação participantes do PEI 2018 foi possível identificar todos os que possuíam e que não possuíam alguma disciplina ligada ao empreendedorismo, conforme o quadro 5.

Quadro 5 – Relação de cursos contemplados pelo PEI-UFF e empreendedorismo

Não	Sim	
Antropologia	Administração	Engenharia Química
Biomedicina	Administração Pública	Estatística
Ciência Ambiental	Arquitetura e Urbanismo	Estudos de Mídia
Ciências Sociais	Arquivologia	Farmácia
Comunicação Social-Jornalismo	Biblioteconomia	Geofísica
Filosofia	Ciência da Computação	Geografia
Física	Ciências Contábeis	História
Letras	Ciências Econômicas	Hotelaria
Matemática	Cinema e Audiovisual	Informática
Medicina	Comunicação Social-Publicidade	Matemática Computacional
Medicina Veterinária	Desenho Industrial	Pedagogia
Odontologia	Enfermagem	Processos Gerenciais
Psicologia	Engenharia Civil	Produção Cultural
Química (Bacharelado)	Engenharia de Agronegócios	Segurança Pública
Química Industrial	Engenharia de Produção	Sistemas de Informação
Química Licenciatura	Engenharia de Recursos Hídricos	Turismo
Química Tecnológica	Engenharia Elétrica	
Relações Internacionais	Engenharia Mecânica	
Sociologia	Engenharia Metalúrgica	

Fonte: Elaborado pelos próprios autores (2018).

Pode-se observar no quadro 5 que 19 dos 54 cursos participantes do PEI 2018 ainda não possuem em sua matriz curricular a disciplina empreendedorismo, o que representa, aproximadamente, 35% dos cursos. Os outros 35, 65%, possuem a disciplina em sua matriz curricular. Trata-se de um percentual bastante representativo, no entanto insuficiente para classificá-lo como um programa empreendedor corporativo. Conforme aponta Dornelas (2009),

citado na revisão de literatura, possuir a disciplina na grade curricular representa apenas um dos componentes dos três fatores necessários ao processo empreendedor. Portanto, ofertar a disciplina é uma forma de capturar a oportunidade identificada utilizando outro fator, ou seja, os estudantes de graduação que são os recursos humanos disponíveis.

Caso o empreendedor corporativo não coordene esses fatores oportunidade, utilização dos recursos disponíveis e recursos humanos desenvolvendo competências, habilidades e atitudes necessárias a uma organização empreendedora, o processo empreendedor não acontece. Essa análise responde ao primeiro objetivo que foi identificar quais cursos têm disciplinas de empreendedorismo na sua matriz curricular.

No segundo momento, procurou-se identificar em cada plano de trabalho aprovado pelo PEI 2018 a quantidade de características empreendedoras corporativas apontadas pela literatura e presentes nos cursos. Conforme apresentado no gráfico 1, foram enumeradas a quantidade de características empreendedoras corporativas de cada curso de graduação seguindo a ordem das variáveis definidas.

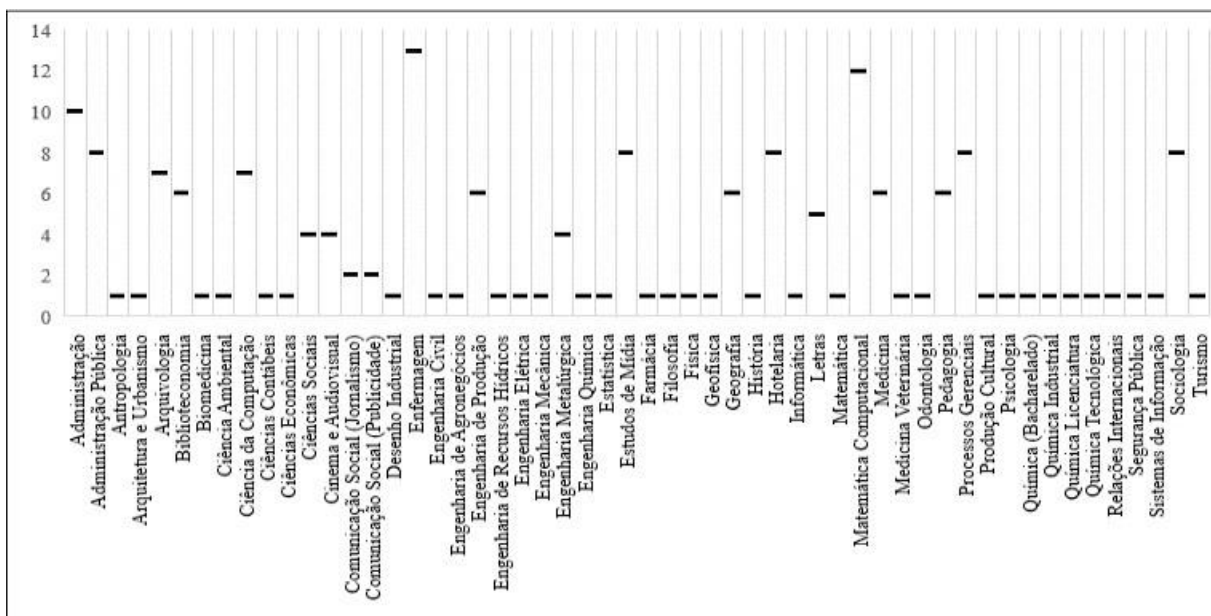


Gráfico 1 – Quantidade de características empreendedoras presentes nos cursos

Fonte: Elaborado pelos próprios autores (2018).

No segundo objetivo foi possível identificar na literatura 16 características empreendedoras que devem ser desenvolvidas por todos que atuam no ambiente organizacional, a saber: visionários; saber tomar decisões; são indivíduos que fazem a diferença; sabem explorar ao máximo as oportunidades; são determinados e dinâmicos; são dedicados; são otimistas e apaixonados pelo que fazem; são independentes e constroem o próprio destino; ficam

ricos; são líderes e formadores de equipe; são bem relacionados; são organizados; planejam, planejam e planejam; possuem conhecimento; assumem riscos calculados e criam valor para a sociedade. Portanto, muitas características estão ligadas a vários planos de atividades dos cursos. Notou-se que nem sempre os cursos que possuem na sua matriz curricular disciplina ligada ao empreendedorismo levam em consideração características empreendedoras nos seus perfis dos planos de estágio, conforme mostra o gráfico 2:

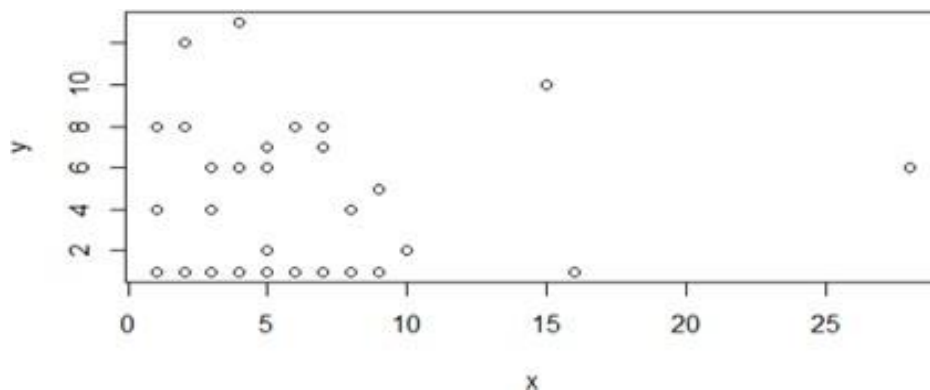


Gráfico 2 – Cursos com disciplina empreendedora versus características empreendedoras
Fonte: Elaborado pelos próprios autores (2018).

Sendo assim, os cursos de Administração, Administração Pública, Enfermagem, Estudos de Mídia, Hotelaria, Matemática Computacional, Processos gerenciais e Sociologia podem ser considerados cursos que fomentaram características empreendedoras no PEI 2018. Contudo, pelos resultados apontados, pode-se dizer que o PEI 2018 da UFF não se caracteriza como um programa empreendedor corporativo, já que a maioria dos cursos não apresentou pelo menos a metade de características empreendedoras, o que foi tido como premissa para que o programa fosse empreendedor corporativo.

6 CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, observou-se que as empresas não devem se esquecer do empreendedorismo corporativo na sua atuação, pois cada vez mais as organizações têm buscado soluções inovadoras e empreendedoras para seus produtos e serviços assim como para suas dificuldades. Portanto, este estudo teve como objetivo geral avaliar se o PEI 2018 da UFF pode ser considerado como um programa empreendedor corporativo.

Desde já se assevera que o empreendedorismo corporativo não foi diretamente observado nos campos de estágio. O que houve foi a presença dele indiretamente. Segundo os resultados apontados foi possível observar que há em sessenta por cento dos cursos uma

disciplina empreendedora, mas que não há correlação com as características empreendedoras encontradas nos planos de atividades.

Essas características foram identificadas como sendo dezesseis, a saber: visionários, saber tomar decisões, são indivíduos que fazem a diferença, sabem explorar ao máximo as oportunidades, são determinados e dinâmicos, são dedicados, são otimistas e apaixonados pelo que fazem, são independentes e constroem o próprio destino, ficam ricos, são líderes e formadores de equipe, são bem relacionados, são organizados. planejam, planejam, e planejam, possuem conhecimento, assumem riscos calculados e criam valor para a sociedade, o que atende a um dos objetivos específicos.

Notou-se que, apesar de muitos cursos possuírem uma disciplina ligada ao empreendedorismo, eles não desenvolveram a metade das características empreendedoras requeridas para que fossem cursos que valorizassem no PEI 2018 o empreendedorismo corporativo. Apenas os cursos de Administração, Administração Pública, Enfermagem, Estudos de Mídia, Hotelaria, Matemática Computacional, Processos gerenciais e Sociologia podem ser identificados como sendo os cursos empreendedores corporativos dentro do PEI 2018, ainda que não tenha sido propositalmente desenvolvidas as características empreendedoras nestes cursos.

REFERÊNCIAS

BARON, Robert A.; SHANE, Scott A. **Empreendedorismo: uma visão do processo**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

BEZERRA, L.F.; GONÇALVES, C. P.; CUNHA, D. O.; OLIVEIRA, F. L. Análise da correlação entre a média de alunos por turma na taxa de rendimento de alunos nas escolas públicas de ensino médio no Município do Rio de Janeiro. **Educação Pública**, v. 20, n. 36, 22, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2015. Disponível em: Acesso em: 20 jul. 2018.

BYGRAVE, W. D. **The Portable MBA in Entrepreneurship**. Nova York: John Wiley & Sons, 1994.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2000.

DOLABELA, Fernando. **Pedagogia empreendedora**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo corporativo: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

EISENHARDT, K.M. **Building theories form case study research**. Academy of Management Review. New York, New York, v. 14, n. 4, 1989.

NASCIMENTO, K. C.; MARSON, L. S. C.; CUNHA, D. O.; BALOG, D. L. T. Investidores Anjo como Agentes de Inovação no Ecosistema Empreendedor Brasileiro. **Revista de Tecnologia Aplicada**, v. 9, n. 2, p. 63-79, 2020.

SAUMURE, K.; GIVEN, L. Data saturation. In: Given, L. M. (Ed.). **The SAGE encyclopedia of qualitative research methods**. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications Ltd. 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa Qualitativa em educação. O positivismo, a fenomenologia e o marxismo**. 14ª tiragem São Paulo: Atlas, 2006.

ZEN, A. C.; FRACASSO, E. M. Quem é o empreendedor? As implicações de três revoluções tecnológicas na construção do termo empreendedor. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 9, n. 8, art. 197, p. 135-150, 2008.

Recebido em: 25 de outubro de 2020.

Aceito em: 03 de fevereiro de 2021.